

LEITURA EM TELAS E FORMAÇÃO LEITORA: DESAFIOS PARA A COMPREENSÃO TEXTUAL NA CULTURA DIGITAL

SCREEN-BASED READING AND READER DEVELOPMENT: CHALLENGES FOR TEXT COMPREHENSION IN DIGITAL CULTURE

Sivanildo de Sousa Martins

Faculdade Porto Velho, Brasil

Marcia Cristina Dias Raphael

Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação, Brasil

Kennedy Almeida dos Santos

MUST University, Estados Unidos

Miguel Henrique Ribeiro de Araújo

MUST University, Estados Unidos

Maria Angela Ferreira Costa

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/7z0b1c93>

Aceito em: 23.07.2026

Resumo: Diante da presença crescente das telas nas práticas escolares e sociais, este artigo teve como objetivo geral analisar a leitura em telas e suas implicações para a formação de leitores na era digital. O estudo abordou a relação entre suportes impressos e digitais, práticas juvenis de leitura e desafios pedagógicos associados ao uso de dispositivos tecnológicos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na seleção, leitura e interpretação de produções acadêmicas relacionadas à leitura em telas, ao impresso, à mediação escolar e às práticas leitoras contemporâneas. A análise indicou que a leitura digital já havia se integrado ao cotidiano dos jovens, mas não havia anulado a relevância do impresso, sobretudo em experiências vinculadas à concentração, à continuidade e à memorização. Verificou-se também que as telas ampliaram o acesso aos textos e favoreceram formas de interação, embora tenham exigido novas habilidades para lidar com hiperlinks, fragmentação, distrações e avaliação de fontes. Concluiu-se que a formação de leitores dependeu menos da presença isolada da tecnologia e mais da mediação pedagógica capaz de orientar usos críticos dos diferentes suportes. Assim, impresso e digital foram compreendidos como práticas complementares na formação leitora contemporânea.

Palavras-chave: Suportes Textuais; Mediação Escolar; Juventude Leitora; Hiperlinks; Atenção Leitora.

Abstract: Given the growing presence of screens in school and social reading practices, this article aimed to analyze screen reading and its implications for reader formation in the digital age. The study addressed the relationship between printed and digital media, youth reading practices, and pedagogical challenges associated with the use of technological devices. To this end, a bibliographic study with a qualitative approach was conducted, based on the selection, reading, and interpretation of academic works related to screen reading, printed texts, school mediation, and contemporary reading practices. The analysis indicated that digital reading had already become part of young people's daily lives, but it had not diminished the relevance of printed materials, especially in experiences related to concentration, continuity, and memorization. It was also found that screens expanded access to texts and favored forms of interaction, although they required new skills to deal with hyperlinks, fragmentation, distractions, and source evaluation. It was concluded that reader formation depended less on the isolated presence of technology and more on pedagogical mediation capable of guiding the critical use of different media. Thus, print and digital reading were understood as complementary practices in contemporary reader formation.

Keywords: Textual Media; School Mediation; Young Readers; Hyperlinks; Reading Attention.

Introdução

A leitura em suportes digitais passou a ocupar posição significativa nas práticas escolares e sociais de jovens leitores, sobretudo pela presença de celulares, computadores, *tablets* e plataformas digitais no cotidiano educacional. Nesse contexto, o tema deste artigo foi delimitado à análise da leitura em telas e de sua relação com a formação de leitores, considerando os desafios escolares e as percepções juvenis diante dos suportes impresso e digital. As palavras-chave que orientaram a discussão foram 'leitura digital', 'leitura em telas', 'formação de leitores', 'leitura escolar', 'livro impresso' e 'tecnologia na educação'.

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de compreender como a leitura se reorganizou diante das tecnologias digitais, sem reduzir esse processo à substituição do livro impresso pela tela. Observou-se que os jovens passaram a acessar textos em ambientes marcados por hiperlinks, notificações, redes sociais e múltiplas linguagens, o que exigiu novas habilidades de seleção, concentração e interpretação. Assim, a pesquisa buscou discutir a leitura digital como prática cultural, cognitiva e pedagógica.

A motivação para o estudo também esteve relacionada à presença crescente das telas no contexto escolar e às dúvidas sobre seus efeitos na formação leitora. Embora os dispositivos digitais tenham ampliado o acesso aos textos, verificou-se que esse acesso não garantiu, por si só, leitura crítica ou compreensão qualificada. Por isso, tornou-se necessário investigar de que modo a escola poderia mediar essas práticas, articulando os recursos tecnológicos às finalidades formativas da leitura.

Diante dessa delimitação, a questão norteadora do artigo foi: ‘Como a leitura em telas interferiu na formação de leitores jovens no contexto escolar, considerando os desafios da leitura digital e a coexistência entre suportes impressos e digitais?’ Essa pergunta orientou a análise dos referenciais selecionados e permitiu examinar tanto as possibilidades quanto os limites da leitura mediada por tecnologias.

O objetivo geral consistiu em analisar a leitura em telas e suas implicações para a formação de leitores na era digital. Como objetivos específicos, buscou-se discutir os desafios da leitura digital no contexto escolar, compreender as percepções dos jovens sobre o impresso e o digital e examinar como os suportes de leitura interferiram na concentração, na memória, no ritmo e na apropriação dos textos. Esses objetivos permitiram organizar a discussão em eixos teóricos interligados.

A metodologia utilizada foi bibliográfica, de abordagem qualitativa, baseada na seleção, leitura e interpretação de produções acadêmicas relacionadas ao tema. O levantamento dos materiais ocorreu por meio de busca em base acadêmica, com uso de palavras-chave simples e combinações temáticas. Foram priorizados textos que discutiram leitura digital, formação de leitores, práticas juvenis e suportes de leitura, considerando sua relevância para responder à questão norteadora.

Entre os principais referenciais teóricos, foram utilizados Pessoa e Weissheimer (2019), que discutiram ferramentas digitais e compreensão leitora; Chartier *apud* Curcino (2021), que analisou as transformações culturais da leitura em telas; Batista, Balça e Lima (2024), que investigaram percepções de jovens brasileiros e portugueses sobre leitura impressa e digital; e Nyland *et al.* (2025), que abordaram desafios da leitura na era digital. Esses autores permitiram estabelecer diálogo entre cognição, cultura escrita, escola e tecnologia.

O desenvolvimento do artigo foi organizado de modo a examinar, primeiro, a relação entre leitura em telas e formação leitora; em seguida, os obstáculos encontrados no contexto escolar; por fim, as percepções juvenis sobre os suportes. Essa estrutura permitiu articular a discussão teórica aos resultados identificados na literatura, destacando que a leitura digital exigiu mediação pedagógica, domínio técnico e critérios críticos de interpretação.

Desse modo, o artigo foi dividido em três capítulos: ‘Leitura em Telas e Formação de Leitores na Era Digital’, no qual se discutiu a presença das telas nas práticas leitoras; ‘Desafios da Leitura Digital no Contexto Escolar’, em que se analisaram dispersão, fragmentação e mediação pedagógica; e ‘Entre o Impresso e o Digital: Percepções e Práticas de Leitura dos Jovens’, no qual se examinaram preferências, usos e sentidos atribuídos pelos estudantes aos diferentes suportes de leitura.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, por fundamentar-se na análise de produções acadêmicas já publicadas sobre leitura em telas, leitura digital, formação de leitores e práticas escolares. Esse tipo de investigação permite examinar conceitos, resultados e interpretações de diferentes autores, favorecendo a construção de uma discussão teórica articulada ao problema estudado. Nesse sentido, a revisão de literatura foi utilizada como procedimento central, pois, conforme Santana, Narciso e Santana (2025), ela situa a pesquisa no estado do conhecimento produzido sobre o tema.

O desenvolvimento metodológico ocorreu por etapas. A primeira consistiu na definição do tema e na delimitação do objeto de estudo, centrado nas relações entre leitura em telas, formação leitora e desafios escolares na era digital. Em seguida, foram estabelecidos os objetivos da investigação, voltados à análise das percepções juvenis sobre os suportes impresso e digital, bem como à identificação dos limites e possibilidades da leitura mediada por tecnologias no contexto educacional.

Na etapa seguinte, realizou-se o levantamento bibliográfico, com seleção de artigos científicos relacionados ao tema. A busca foi orientada por palavras-chave simples e diretamente ligadas ao objeto da pesquisa, como 'leitura digital', 'leitura em telas', 'formação de leitores', 'leitura escolar', 'livro impresso' e 'tecnologia na educação'. Também foram utilizadas combinações como 'leitura digital e escola', 'leitura em telas e jovens' e 'impresso e digital', a fim de localizar estudos com maior proximidade temática.

A base escolhida para a busca foi o *Google Acadêmico*, mecanismo de pesquisa voltado à localização de produções científicas, como artigos, dissertações, teses, livros e trabalhos publicados em periódicos acadêmicos. Sua função, nesta pesquisa, foi permitir o acesso a materiais teóricos pertinentes ao tema, possibilitando a identificação de autores que discutem leitura digital, práticas juvenis, suportes de leitura e mediação pedagógica. A escolha da base justificou-se pela amplitude de resultados e pela facilidade de localização de textos acadêmicos.

Os critérios de inclusão dos materiais consideraram a relação direta com o tema, a presença de discussão teórica sobre leitura em suportes digitais ou impressos, a publicação em periódicos ou documentos acadêmicos e a contribuição para responder aos objetivos do estudo. Foram priorizados textos publicados entre 2019 e 2025, por tratarem de debates recentes sobre tecnologias digitais e práticas de leitura. Também foram incluídos estudos com abordagem histórica ou conceitual quando apresentavam relevância para a fundamentação do artigo.

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados textos sem autoria identificada, materiais opinativos sem caráter acadêmico, publicações sem relação direta com leitura

ou formação de leitores e estudos que tratavam de tecnologia educacional sem abordar práticas de leitura. Também foram excluídos materiais repetidos ou que apresentavam discussão superficial do tema. Esse procedimento contribuiu para assegurar coerência entre o corpus bibliográfico e os objetivos da pesquisa.

Após a seleção dos materiais, procedeu-se à leitura analítica dos textos, com atenção aos conceitos, argumentos, resultados e contrapontos apresentados pelos autores. As informações foram organizadas conforme três eixos de discussão: leitura em telas e formação de leitores, desafios da leitura digital no contexto escolar e percepções juvenis sobre impresso e digital. Essa organização permitiu comparar aproximações e divergências entre os referenciais, evitando tratamento isolado das fontes.

As orientações metodológicas de Santana, Narciso e Santana (2025) foram aplicadas na construção do artigo ao reconhecer a necessidade de integrar recursos tecnológicos ao processo de pesquisa acadêmica. Nesse caso, a tecnologia foi utilizada para localizar, selecionar e organizar fontes bibliográficas, sem substituir a análise crítica dos materiais. Do mesmo modo, a revisão de literatura foi empregada como base para compreender o estágio das discussões sobre leitura digital e para fundamentar a interpretação dos resultados.

Por fim, a análise dos dados bibliográficos ocorreu de forma interpretativa, buscando relacionar as contribuições dos autores às perguntas da pesquisa. Esse procedimento permitiu compreender que a leitura digital envolve dimensões cognitivas, materiais, culturais e pedagógicas. Assim, a metodologia bibliográfica adotada contribuiu para alcançar os objetivos do artigo, pois forneceu base teórica para discutir a coexistência entre impresso e digital e os desafios da formação leitora na escola.

Leitura em telas e formação de leitores na era digital

A leitura em telas apresenta desafios específicos para a formação leitora, sobretudo porque ocorre em ambientes marcados por excesso de estímulos, notificações e práticas multitarefa. Costa e Santana (2025) apontam que a internet tem forte capacidade de capturar a atenção, especialmente no início da adolescência, o que exige repensar a forma como os estudantes interagem com a tecnologia nos processos educacionais.

Santana et al. (2026) contribuem para esse debate ao enfatizarem que as tecnologias precisam de mediação crítica para não comprometerem a intencionalidade pedagógica. Assim, ler em telas exige mais do que acesso a dispositivos: requer orientação para concentração, análise, seleção de fontes e compreensão profunda. A cultura digital pode ampliar repertórios, mas, sem mediação docente, também pode favorecer leituras fragmentadas, superficiais e pouco reflexivas.

Pessoa e Weissheimer (2019) situam a sala de aula como espaço de contato entre perfis leitores distintos, nos quais tecnologias podem apoiar práticas de leitura, desde que articuladas a objetivos pedagógicos definidos. Nessa perspectiva, a tela não deve ser tratada apenas como suporte alternativo ao impresso, mas como meio que reorganiza modos de acesso, circulação e processamento textual.

Entretanto, a incorporação de tecnologias de leitura exigiu análise das condições cognitivas envolvidas no ato de ler. Pessoa e Weissheimer (2019) examinaram a ferramenta *Spritz*, recurso digital que apresenta as palavras em sequência, em um ponto fixo da tela, com possibilidade de controle da velocidade de leitura. As autoras indicaram que a apresentação do texto em formatos digitais pode alterar a relação do leitor com a sequência verbal, especialmente quando a leitura ocorre em dispositivos de pequena dimensão. Assim, a formação leitora passou a incluir o domínio de procedimentos técnicos e interpretativos próprios das telas, sem reduzir a leitura digital a mera adaptação do impresso.

Nesse sentido, Chartier *apud* Curcino (2021), , amplia o debate ao afirmar que a tela institui outra lógica de produção e recepção dos textos. A leitura digital, segundo o autor, caracteriza-se pela presença de formas breves, mensagens, comentários e fragmentos que modificam a experiência do leitor. Diferentemente de Pessoa e Weissheimer (2019), cujo foco recai sobre efeitos de uma ferramenta específica na compreensão, Chartier *apud* Curcino (2021), desloca a discussão para as práticas culturais de leitura e para a transformação histórica dos suportes conforme expressa:

Ler em uma tela não é o mesmo que ler no impresso, isso porque o tipo de texto para a leitura que nos chega pelas telas da atualidade nos expõe a outras formas, qualitativa e quantitativamente distintas daquelas com as quais estávamos mais familiarizados (Chartier *apud* Curcino, 2021, p. 123).

Além disso, Batista, Balça e Lima (2024) contribuem para a discussão ao investigarem as percepções de jovens brasileiros e portugueses sobre o impresso e o digital. As autoras demonstram que a tela já integra práticas sociais de leitura literária, embora o livro físico mantenha presença expressiva entre os estudantes. Desse modo, o debate não se organiza pela substituição de um suporte por outro, mas pela coexistência de materialidades que produzem experiências leitoras distintas.

Por outro lado, Nyland *et al.* (2025) enfatizam que a leitura digital ocorre em ambientes marcados por hiperlinks, comentários e algoritmos, o que tende a tornar o contato com os textos mais veloz e fragmentado. Essa leitura amplia possibilidades de acesso e interação, mas também requer capacidades críticas para selecionar informações, avaliar fontes e manter a atenção. O contraponto aos demais autores está na ênfase atribuída aos riscos de dispersão e superficialidade, sem negar as oportunidades abertas pelo digital.

Assim, há aproximação entre os referenciais quando se reconhece que a formação de leitores não pode ignorar os dispositivos digitais. Pessoa e Weissheimer (2019) observam a necessidade de avaliar os efeitos das ferramentas sobre a compreensão; Chartier *apud* Curcino (2021) discute a mudança cultural da leitura; Batista, Balça e Lima (2024) analisam a recepção juvenil; e Nyland *et al.* (2025) destacam as exigências críticas do ambiente digital. Esses enfoques se complementam ao evidenciarem que a leitura em telas envolve suporte, cognição, cultura e mediação pedagógica.

Todavia, a presença da tela não assegura, por si, formação leitora qualificada. A leitura mediada por dispositivos digitais exige orientação docente, critérios de seleção textual e práticas que favoreçam permanência, interpretação e confronto de fontes. Nesse ponto, a contribuição de Nyland *et al.* (2025) dialoga com Batista, Balça e Lima (2024), pois ambas as abordagens indicam que os jovens utilizam telas, mas precisam desenvolver estratégias para transformar acesso em leitura crítica.

Do mesmo modo, a pesquisa de Pessoa e Weissheimer (2019) permite relativizar discursos que atribuem às tecnologias eficácia automática. Ao examinarem a leitura mediada por ferramentas digitais, as autoras indicam que o modo de apresentação textual precisa ser avaliado em relação à compreensão, à atenção e aos objetivos da atividade. Esse dado tensiona interpretações excessivamente otimistas sobre aplicativos de leitura e reforça a necessidade de avaliação pedagógica antes de sua incorporação às práticas escolares.

Portanto, a formação de leitores na era digital deve articular leitura impressa e leitura em telas como práticas complementares, cada uma com exigências próprias. A escola, nesse processo, assume a função de mediar o uso de tecnologias, favorecer a leitura literária em diferentes suportes e promover análise crítica diante de textos fragmentados, hipertextuais e interativos. A leitura em telas, quando orientada por critérios pedagógicos, pode ampliar repertórios sem dispensar a atenção, a interpretação e a reflexão próprias da formação leitora.

Desafios da leitura digital no contexto escolar

A leitura digital no contexto escolar impõe desafios que não se restringem ao acesso aos dispositivos. Pessoa e Weissheimer (2019) indicam que ferramentas digitais podem modificar o processamento do texto, sobretudo quando alteram movimentos oculares e formas de apresentação verbal. Assim, a escola precisa avaliar como a tecnologia interfere na compreensão, na atenção e na permanência do leitor diante do texto.

Além disso, Roger Chartier, em entrevista publicada por Curcino (2021), deslocou o debate para as práticas culturais de leitura. Para o autor, os estudantes chegaram à escola familiarizados com textos breves, redes sociais e fluxos comunicativos imediatos. Esse diagnóstico dialogou com Pessoa e Weissheimer (2019), mas ampliou o problema: não se

tratou apenas da ferramenta utilizada, e sim do modo como o suporte digital reorganizou hábitos leitores. De acordo com Chartier *apud* Curcino (2021):

Essa geração, hoje nos bancos escolares, é aquela que desde cedo tem tido acesso aos textos a partir de um mesmo suporte, meio em que se encontram obras que merecem ou exigem um outro tipo de leitura, avizinhas aos fragmentos, aos formatos destinados a leitura imediata, rápida, provenientes das redes sociais (Chartier *apud* Curcino, 2021, p. 124).

Nesse quadro, Batista, Balça e Lima (2024) observam que o digital modifica a relação material do leitor com o texto, pois diferentes gêneros passam a circular no mesmo suporte. A rolagem da página, a ausência de um objeto específico para cada obra e a mobilidade dos dispositivos alteram referências sensoriais presentes no impresso. Desse modo, a leitura escolar em telas exige mediação para que o estudante reconheça finalidades, gêneros e modos de apropriação.

Por outro lado, Pessoa e Weissheimer (2019) apresentam um contraponto relevante ao mostrarem que a leitura em ferramentas digitais não produz efeitos uniformes. No estudo sobre o *Spritz*, não houve diferença estatisticamente significativa no desempenho geral de compreensão, embora os resultados indiquem baixa correlação entre as modalidades de leitura. Portanto, os desafios não autorizam conclusões automáticas contra ou a favor da leitura digital.

Todavia, as autoras também advertem que certas ferramentas podem restringir regressões oculares, isto é, retornos a trechos já lidos para recomposição do sentido. Esse ponto aproxima-se das preocupações de Batista, Balça e Lima (2024), quando discutem a dificuldade de manter foco em suportes multifuncionais. Em ambos os casos, a compreensão depende de condições de atenção, releitura e controle do ritmo.

De modo complementar, Nyland *et al.* (2025) relacionam leitura digital, distração e formação crítica. Para os autores, a facilidade de acesso à informação não garante qualidade interpretativa, pois notificações, anúncios, vídeos e mensagens competem com o texto. Essa análise reforça a necessidade de práticas escolares voltadas à seleção de fontes, à leitura comparativa e à construção de critérios de credibilidade.

Entretanto, a crítica à leitura digital não deve resultar em rejeição da tecnologia. Chartier *apud* Curcino (2021) alerta que o problema não está na tecnologia em si, mas nas formas de apropriação que enfraquecem a leitura atenta e crítica. Nessa direção, Nyland *et al.* (2025) reconhecem que o ambiente digital também permite interação, compartilhamento e participação em práticas coletivas de leitura.

Assim, a escola enfrenta um desafio duplo: ensinar o estudante a lidar com a fragmentação do digital e, ao mesmo tempo, explorar suas possibilidades formativas. Batista, Balça e Lima (2024) mostram que telas já integram o cotidiano juvenil, mas o impresso permanece associado à concentração. Essa coexistência requer propostas que

comparem suportes, explicitem suas exigências e orientem escolhas adequadas a cada finalidade de leitura.

Portanto, os desafios da leitura digital no contexto escolar envolvem atenção, materialidade, avaliação de fontes, desigualdade de acesso e mediação pedagógica. A formação leitora precisa articular domínio técnico e interpretação crítica, sem transferir à tecnologia a responsabilidade pelo êxito ou fracasso da aprendizagem. Cabe à escola criar condições para que a leitura em telas seja prática orientada, reflexiva e vinculada à compreensão textual.

Entre o impresso e o digital: percepções e práticas de leitura dos jovens

A relação entre leitura impressa e leitura digital exige análise das práticas juvenis sem oposição simplificadora entre papel e tela. Batista, Balça e Lima (2024) indicam que os jovens já transitam entre suportes, embora atribuam ao impresso maior estabilidade para certas experiências leitoras. Esse dado dialoga com Chartier *apud* Curcino (2021), para quem a materialidade do suporte interfere na forma de apropriação do texto.

Além disso, Pessoa e Weissheimer (2019) contribuem para o debate ao investigarem percepções de aprendizes diante de textos digitais e da ferramenta *Spritz*. As autoras mostram que os estudantes associaram a leitura digital à compreensão, à facilidade, à velocidade regulável e à possibilidade de releitura. Contudo, também registraram avaliações negativas, como cansaço e confusão, o que impede tratar o digital como solução automática para dificuldades leitoras.

Nesse mesmo horizonte, Chartier *apud* Curcino (2021) distingue a leitura implicada pelo livro impresso daquela realizada diante das telas. Para o autor, a tela favorece contato frequente com fragmentos, mensagens breves e formas de circulação textual que podem desafiar a percepção da obra como totalidade. Assim, sua análise amplia a discussão de Pessoa e Weissheimer (2019), pois desloca o problema da ferramenta para a cultura material da leitura.

Por sua vez, Batista, Balça e Lima (2024) analisam jovens brasileiros e portugueses e observam que a leitura literária ainda ocorre com maior frequência no papel. De acordo com Batista, Balça e Lima (2024):

Nesse contexto, averiguamos que, no Brasil, 39,6% dos estudantes demonstraram ler com mais frequência no papel, contra 12,7% na tela. Em Portugal, temos 61,6% dos participantes que disseram que leem obras literárias com mais frequência no papel (Batista; Balça; Lima, 2024, p. 13).

Entretanto, os dados não indicam rejeição da leitura digital, mas coexistência entre suportes. Batista, Balça e Lima (2024) identificam estudantes que oscilam entre papel e tela, o que evidencia práticas leitoras móveis e situadas. Esse resultado aproxima-

se de Nyland *et al.* (2025), para quem o desafio formativo não consiste em escolher um suporte, mas em compreender as potencialidades e os limites de cada ambiente de leitura.

Ainda assim, o impresso mantém força simbólica e funcional entre os jovens. Batista, Balça e Lima (2024) destacam que muitos estudantes associam o papel à maior rapidez, permanência, concentração e memorização. Esse ponto contrapõe certas expectativas de que a familiaridade juvenil com tecnologias resultaria em preferência plena pelo digital, pois a experiência leitora envolve corpo, atenção, memória e relação material com o texto.

De modo complementar, Nyland *et al.* (2025) afirmam que a leitura on-line exige habilidades específicas para lidar com hipertextos, múltiplas fontes e distrações digitais. Essa formulação dialoga com Chartier *apud* Curcino (2021), pois ambos reconhecem que as telas produzem formas de leitura mais fragmentadas. Todavia, Nyland *et al.* (2025) enfatizam a necessidade de mediação pedagógica, enquanto Chartier *apud* Curcino (2021), privilegia a análise histórica das práticas culturais.

Por outro lado, Pessoa e Weissheimer (2019) permitem problematizar a recepção juvenil de ferramentas digitais. Ao registrarem termos como difícil, exigente, rápido e confuso na avaliação do *Spritz*, as autoras demonstram que inovação técnica não corresponde, necessariamente, a fluidez interpretativa. Ao mesmo tempo, menções a criatividade, interação e concentração revelam que a experiência digital pode produzir adesão quando orientada por finalidades claras.

Portanto, as percepções e práticas de leitura dos jovens indicam um campo de negociação entre impresso e digital. O papel tende a favorecer continuidade, concentração e memória, enquanto a tela amplia acesso, mobilidade e interação. A formação de leitores deve articular esses suportes de modo crítico, considerando que a qualidade da leitura depende menos do dispositivo isolado e mais das condições pedagógicas, culturais e cognitivas de apropriação textual.

Resultados e discussões

Os resultados indicam que a leitura em telas já integra as práticas leitoras juvenis, sobretudo pela presença de celulares, computadores, *tablets* e leitores digitais no cotidiano escolar e extraescolar. Entretanto, essa presença não elimina a preferência pelo impresso em determinadas situações de leitura literária. Batista, Balça e Lima (2024) demonstram que estudantes brasileiros e portugueses ainda associam o papel à concentração, à permanência e à lembrança do conteúdo lido, o que relativiza a ideia de substituição plena do livro físico pelo digital.

Nesse sentido, a principal conclusão do estudo é que os jovens não rejeitam a leitura digital, mas atribuem funções distintas aos suportes. A tela tende a ser percebida como meio de acesso rápido, interação e mobilidade, enquanto o impresso aparece associado

à continuidade da leitura e ao controle material da obra. Essa interpretação dialoga com Chartier *apud* Curcino (2021), ao considerar que a materialidade do suporte interfere nos modos de apropriação textual.

Além disso, os achados sugerem que a leitura digital exige competências específicas, não limitadas ao domínio técnico dos dispositivos. A navegação por hiperlinks, o contato com múltiplas fontes e a convivência com estímulos simultâneos requerem critérios de seleção, avaliação e interpretação. Nyland *et al.* (2025) contribuem para essa discussão ao defender que o acesso à informação não assegura, por si, leitura qualificada, sendo necessária mediação pedagógica.

Por outro lado, os dados também indicam que as tecnologias digitais podem favorecer experiências leitoras quando vinculadas a objetivos definidos. Pessoa e Weissheimer (2019) mostram que participantes associaram determinados formatos digitais à facilidade, à velocidade regulável e à possibilidade de releitura. Contudo, as mesmas autoras registram percepções negativas, como confusão, exigência cognitiva e cansaço, o que evidencia a ambivalência da leitura mediada por ferramentas digitais.

Dessa forma, o significado das descobertas reside na necessidade de compreender a leitura digital como prática situada, dependente do suporte, do gênero textual, da finalidade de leitura e da mediação escolar. A tela não representa, isoladamente, avanço ou prejuízo; seus efeitos variam conforme as condições de uso. Esse ponto aproxima Batista, Balça e Lima (2024) de Pessoa e Weissheimer (2019), pois ambas as pesquisas recusam interpretações automáticas sobre os benefícios da tecnologia.

Entretanto, os resultados também apresentam limites. A preferência dos jovens pelo impresso não pode ser generalizada sem considerar diferenças de acesso, repertório leitor, infraestrutura escolar e familiaridade com plataformas digitais. Nyland *et al.* (2025) observam que a leitura digital depende de condições materiais mínimas, como conexão à internet, dispositivos adequados e formação para uso crítico. Assim, desigualdades tecnológicas podem interferir nas percepções e práticas analisadas.

Outro limite refere-se à própria comparação entre impresso e digital. Chartier *apud* Curcino (2021) argumenta que a tela aproxima textos de naturezas distintas em um mesmo suporte, o que pode enfraquecer a percepção das diferenças entre obras, mensagens breves e fragmentos de redes sociais. Desse modo, resultados inconclusivos ou contrastantes podem decorrer do fato de que a leitura digital não constitui uma prática única, mas um conjunto de usos heterogêneos.

Resultados aparentemente contraditórios, como a familiaridade dos jovens com telas e a preferência pelo papel para leitura literária, podem ser explicados pela diferença entre frequência de uso tecnológico e qualidade da experiência leitora. Batista, Balça e Lima (2024) indicam que o impresso favorece processos sensoriais e perceptivos

relacionados à memória e à concentração. Assim, estar habituado ao digital não implica considerá-lo o suporte mais adequado para toda modalidade de leitura.

Portanto, recomenda-se que pesquisas futuras investiguem práticas de leitura em diferentes gêneros, faixas etárias e contextos escolares, comparando suportes sem hierarquizá-los previamente. Também se mostra pertinente analisar estratégias docentes para leitura em telas, critérios de avaliação de fontes e efeitos da hipertextualidade na compreensão. A continuidade desses estudos pode contribuir para propostas pedagógicas que articulem impresso e digital na formação crítica de leitores.

Conclusão

O estudo desenvolvido permitiu responder às questões levantadas na introdução e na metodologia ao demonstrar que a leitura em telas não substitui, de modo linear, a leitura impressa, mas reorganiza práticas, percepções e exigências formativas. Verificou-se que os jovens utilizam suportes digitais em suas experiências leitoras, porém ainda atribuem ao impresso maior relação com concentração, continuidade e memorização, especialmente na leitura literária.

Quanto aos objetivos da pesquisa, foi possível analisar a relação entre leitura em telas, formação de leitores e práticas escolares na era digital. O estudo identificou que os dispositivos digitais ampliam o acesso aos textos, favorecem mobilidade e permitem interação entre leitores. Entretanto, também impõem desafios vinculados à fragmentação, à dispersão da atenção, à circulação de informações pouco verificadas e à necessidade de domínio crítico das tecnologias.

A investigação também permitiu compreender que a formação de leitores não depende apenas da presença de recursos digitais na escola. A leitura em telas requer mediação pedagógica, seleção criteriosa de textos, orientação quanto ao uso de hiperlinks e desenvolvimento de estratégias para avaliação de fontes. Desse modo, o papel da escola permanece central, pois cabe a ela transformar o acesso tecnológico em prática leitora qualificada.

Outro resultado relevante refere-se à coexistência entre impresso e digital. A análise indicou que cada suporte apresenta possibilidades e limites: o impresso favorece experiências de leitura mais contínuas e materialmente estáveis, enquanto o digital amplia formas de acesso, circulação e compartilhamento. Assim, a oposição entre papel e tela mostrou-se insuficiente para explicar as práticas juvenis, que se constituem por alternâncias entre diferentes suportes.

As discussões realizadas também evidenciaram que resultados inconclusivos ou contraditórios decorrem da própria diversidade da leitura digital. Ler em tela pode significar consultar mensagens breves, navegar por hipertextos, acessar obras literárias,

utilizar aplicativos específicos ou participar de interações on-line. Essa variedade impede generalizações amplas e exige que cada prática seja analisada conforme sua finalidade, suporte, contexto e mediação.

Diante das lacunas encontradas, recomenda-se que pesquisas futuras investiguem como diferentes gêneros textuais são lidos em suportes impressos e digitais no contexto escolar. Também se sugere a realização de estudos com maior número de participantes, em diferentes etapas da Educação Básica, a fim de compreender como idade, repertório leitor, acesso tecnológico e práticas docentes interferem na leitura em telas.

Por fim, novas investigações podem examinar estratégias pedagógicas capazes de articular leitura impressa e digital sem hierarquização prévia entre os suportes. A formação leitora na era digital exige equilíbrio entre atenção, criticidade, domínio técnico e experiência interpretativa. Portanto, o estudo conclui que a escola deve integrar as tecnologias à leitura de forma planejada, crítica e vinculada aos objetivos de aprendizagem.

Referências

- BATISTA, P. C.; BALÇA, Â.; LIMA, S. O. A literatura no digital: percepções dos jovens brasileiros e portugueses. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 19, p. 1-23, 2024.
- COSTA, S. R. M. da; SANTANA, A. A. Neurociência e tecnologia: abordagens inovadoras para a melhoria do processo educacional. **Revista Ilustração**, v. 6, n. 3, p. 289-301, 2025.
- CURCINO, L. A leitura em telas: um convite à reflexão em tempos pandêmicos: entrevista com Roger Chartier. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 14, p. 115-137, 2021.
- NYLAND, J. J. A. O. L.; RABÊLO, J. P.; PASSOS, A. L. de O.; ANGELI, A. F.; FERREIRA, A. C. da S.; FRANCO, T. C. A.; LUCAS, I. F.; SOUZA, G. C. F. de; MINUZZI, R. B.; SANTANA, L. L.; BOEHM, L. B.; NASCIMENTO, J. M.; ESTANI, J. P. Os desafios da leitura na era digital. **Revista FT**, v. 29, ed. 151, 2025.
- PESSOA, D. L. M. T.; WEISSHEIMER, J. Ferramentas digitais para a leitura: aplicação e efeitos na compreensão textual de alunos bilíngues. **Texto Digital**, v. 15, n. 2, p. 74-93, 2019.
- SANTANA, A. N. V. de; NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Transformações imperativas nas metodologias científicas: impactos no campo educacional e na formação de pesquisadores. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, e13702, 2025.
- SANTANA, A. C. de A.; CAPARROZ, L. H.; SILVA, R. L. da; OLIVEIRA, I. dos S.;

SOUZA, T. F. da S.; SOUSA, F. P. de; MANENTI, G.; FREIRE, S. de S. Inteligência artificial na educação contemporânea: apoio, mediação e responsabilidade. **Revista Boletim de Conjuntura**, v. 25, n. 74, p. 1-17, 2026.